

## **A LITERATURA E O COMUNISMO NA AMÉRICA LATINA: ALEJO CARPENTIER E JORGE AMADO.**

### **Resumo:**

Esse trabalho propõe análises das representações do movimento comunista nas obras *Écue-Yamba-Ó* de Alejo Carpentier e *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado na década de 1930 em Cuba e no Brasil, respectivamente; em diálogos interdisciplinares entre a Literatura e a História.

### **Abstract:**

The purpose of study is to analyze the representations of the communist movement in the work of Alejo Carpentier's *Écue-Yamba-Ó* and Jorge Amado's *Os Subterrâneos da Liberdade* during the 1930's in Cuba and in Brazil, respectively, employing interdisciplinary dialogues relying on Literature and History.

**Palavras chaves:** Literatura, História, Comunismo.

**Key words:** Literature, History, Communism.

## 1 – Introdução:

O projeto Comunista para a transformação do modo de produção hegemônico de mercadorias e serviços da sociedade mundial começa a ser pensado por alguns autores juntamente com o desenvolvimento da forma Capitalista de produção. As Revoluções Industriais, a sociedade de classes, as relações de trabalho e as variadas formas de vivências construídas socialmente ao longo do processo histórico foram analisadas por diversos teóricos.

Pensadores, tais como, François Marie Fourier e Henry Saint Simon, na França, e Robert Owen, na Inglaterra, em início do século XIX, consagram a expressão *Socialismo* para novas propostas de relações sociais entre os trabalhadores industriais.<sup>1</sup> Essas propostas são reconhecidas e criticadas como pensamentos utópicos, idealizadas intelectualmente e com pouca projeção prática de transformação da realidade vivida pelos trabalhadores. E juntamente com esses pensamentos, nesse momento histórico, começam a surgir dentro dos ambientes industriais diversas

manifestações e reivindicações em prol de melhores condições de trabalho.

Em 1848 os pensadores Karl Marx e Friedrich Engels lançam o Manifesto Comunista<sup>2</sup>, programa para a recém-fundada Liga Comunista, que defende o fim da propriedade privada dos meios de produção e a idéia de que o movimento deve reunir os trabalhadores de todo o mundo para a transformação e construção de um outro modelo de sociedade: sem classes e com outras relações de trabalho no processo de produção dos meios materiais necessários a sobrevivência humana, e principalmente sem a exploração do trabalho de outros e com melhor distribuição de renda. Os autores apresentam propostas que partem de fatos fundamentais, deixando para trás idéias utópicas e projetando possibilidades concretas. A isso, chama-se socialismo científico, conforme é denominado por alguns autores. Marx e Engels desenvolveram várias obras a respeito desse tema e também sobre outros problemas vivenciados em seu tempo histórico.

A partir das idéias e propostas socialistas e comunistas, diversas

---

<sup>1</sup> Ver a obra: WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**: escritores e atores da história. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

---

<sup>2</sup> Ver: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Organização e introdução, Marcos Aurélio Nogueira. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 1988.

experiências e outros pensamentos sobre as relações de trabalho e produção foram construídos em processo dialético, conflituoso e de alternância entre o totalitarismo e a democracia. Em diversas regiões do globo terrestre essas questões foram pensadas de acordo com as especificidades locais e em diálogo com as organizações globalizadas do mundo moderno e contemporâneo.

A Revolução Russa de 1917 e posteriormente a construção e consolidação da União Soviética foram exemplos para outros grupos e países que compartilhavam dos ideais marxistas. Também devemos salientar que o pensamento marxiano, pautado na obra do pensador Karl Marx, foi desdobrado em vários caminhos e interpretações durante o decorrer histórico.

As ideologias comunistas percorreram o mundo ao longo da história. Múltiplas idéias e ações estiveram presentes em diversos movimentos sociais. Grupos de luta pela terra, por moradia, por trabalho com dignidade, sindicatos, partidos políticos, entre outros, foram permeados por idéias comunistas. Muitos militantes que desejavam o fim do modo de produção capitalista propunham um outro modelo de sociedade, pautada em outro modelo de produção – a produção de mercadorias no

modo comunista – que nunca foi alcançado com perfeição e valorização dos seres humanos, conforme propunham as teorias. Dentre os vários desejos, anseios e idéias, destacam: a produção de mercadorias e riquezas sem a exploração do trabalho de outros, organização coletiva para a vivência digna de todos os sujeitos e melhores distribuições de renda.

Também, ao longo da história, vários pensadores atentaram para as discussões filosóficas que envolvem as idéias comunistas. E o pensamento marxiano é destacado em várias análises.

Observamos que a Filosofia deixou idéias e propostas para o modelo comunista, mas na prática cotidiana, no fazer dentre os seres humanos, vemos o que a História nos conta entre experiências contraditórias e conflitantes. As várias ações de luta pelo projeto comunista deixaram rastros que embora tenham sido estudados com fervor, ainda possibilitam diversas análises.

As obras literárias *Écue-Yamba-Ó* de Alejo Carpentier e *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado, publicadas pela primeira vez em 1933 e 1954, respectivamente, mostram representações e ideologias da luta comunista em Cuba e no Brasil.

## 2 - Material e métodos:

Com o intuito de desenvolver um diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura, tomando as obras *Écue-Yamba-Ó* do escritor Alejo Carpentier e *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado, como fontes historiográficas. Pretendemos iniciar pelo não-acontecido para recuperar o que pode ter acontecido. E sobre isso, a autora Pesavento<sup>3</sup> nos orienta:

Tomemos a faceta do não-acontecido, elemento perturbante para um historiador que tem como exigência o fato de algo ter ocorrido um dia. Mas, a rigor, de qual acontecido falamos? Se estamos em busca de personagens da história, de acontecimentos e datas sobre algo que se deu no passado, sem dúvida a literatura não será a melhor fonte a ser utilizada. Falamos em fonte? A coisa se complica: como a literatura, relato de um *poderia ter sido*, pode servir de traço, rastro, indício, marca de historicidade, fonte, enfim, para algo que *aconteceu*?

A sintonia fina de uma época fornecendo uma leitura do presente da escrita pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu ou do Tio Goriot

e de Eugene de Rastignac terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.

Mas, sem dúvida, dirá alguém, no delineamento de tais personagens e na articulação de tais intrigas, houve um Honoré de Balzac e um Joaquim Maria Machado de Assis, o que não é pouca coisa... Sim, por certo, longe de negar a genialidade dos autores, ressaltamos a existência imprescindível dos narradores de uma trama, que mediatizam o mundo do texto e o do leitor. Não esqueçamos, como alerta Paul Ricoeur, que os fatos narrados na trama literária existiram de fato para a voz narrativa!

(...)

O mundo da ficção literária – este mundo verdadeiro das coisas de mentira – dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **História e Literatura**: identidades e fronteiras. Uberlândia, EDUFU, 2006. 11-27.

acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam.

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção. (PESAVENTO, 2006)

Essa pesquisa teve como objetivos verificar representações e simbologias da militância comunista na América Latina, em especial em Cuba e no Brasil através das obras literárias *Écue-Yamba-Ó*, e *Os Subterrâneos da Liberdade*.

As biografias dos autores se misturam com suas obras. Carpentier e Amado foram sujeitos atuantes em suas

vivências sobre várias concepções políticas e ideológicas. No entanto tivemos atenção ao lidar com as fontes (as obras literárias *Écue-Yamba-Ó* e *Os Subterrâneos da Liberdade*) e procuramos, também, entender as trajetórias dos autores, mas nosso principal objetivo foi verificar a representação do comunismo nas obras mencionadas. Verificar o que os personagens e o narrador nos falam sobre as ideologias comunistas.

### 3 – Resultados, discussão e conclusão:

A obra literária *Écue-Yamba-Ó*, de Alejo Carpentier, começou a ser escrita em 1927, quando seu autor esteve preso em Havana por participar de protestos contra a ditadura no governo de Machado. Sua redação definitiva ocorreu em 1931, em Paris. Posteriormente, em 1933, a obra foi publicada, na Espanha.

A narrativa apresenta duas tramas: uma social e outra política; ambas caminham lado a lado, na representação da família Cué, a que pertencem os personagens principais da obra, e na representação do ambiente cubano, entre campo e cidade.

A obra apresenta uma narrativa calcada na estética realista-socialista e, segundo o próprio autor, foi uma escolha de ordem pessoal retratar a população negra de Cuba com esta perspectiva estética:

... quise escribir una novela sobre los negros de Cuba, presentar una nueva visión de un sector de la población cubana.<sup>4</sup>

Os personagens foram construídos a partir do que conheceu, do que sua memória registrou:

Havia conhecido muito Menegildo Cué, certamente, um companheiro de brincadeiras infantis. O velho Luís, Usebio e Salomé – e também Longina, de quem nem sequer troquei o nome – souberam receber-me, a mim, garoto branco a quem seu pai, para escândalo das famílias amigas, ‘deixava brincar com negrinhos’, com o senhorial pudor de sua miséria em barracos onde a precária alimentação, doenças e carências eram sofridas com dignidade, onde se falava disto e daquilo numa linguagem sentenciosa e gnômica. Achei que conhecia meus personagens, mas com o tempo vi que, observando-os superficialmente, de fora, eles escoaram-se em alma profunda, em dor amordaçada, em recônditas pulsões de rebeldia: em crenças e práticas ancestrais que significavam, na realidade, uma resistência contra o poder diluidor de fatores

externos...  
(CARPENTIER, 1989)<sup>5</sup>

Carpentier nos fala, no prólogo<sup>6</sup>, do seu desejo em escrever uma obra de vanguarda, mas que deveria ser ao mesmo tempo nacionalista. O objetivo era unir política, crítica social e arte. No primeiro capítulo o autor apresenta um vocabulário vanguardista. Depois essa tendência é abandonada. Ele também nos alerta sobre a dificuldade que encontrou para conjugar essas duas concepções: o nacionalismo e a vanguarda:

Objetivo difícil, já que todo nacionalismo se baseia no culto de uma tradição e o “vanguardismo” significava, obrigatoriamente, uma ruptura com a tradição.  
(CARPENTIER, 1989)<sup>7</sup>

E Carpentier inicia a explicação desse conflito com algumas linhas de Marx:

Num artigo da juventude, Karl Marx define a *vanguarda* como uma atividade filosófica, situada na linha de frente da luta social, vista como um “fator poderoso na luta por uma transformação radical da sociedade”.  
(CARPENTIER, 1989)<sup>8</sup>

<sup>4</sup> Entrevista com Carpentier. **Les Langues Modernes**, Paris, mayo-junio, 1965. Disponível em: <[http://www.cubaliteraria.com/autor/alejo\\_carpentier/porcar.htm](http://www.cubaliteraria.com/autor/alejo_carpentier/porcar.htm)>. Acesso em: 03/04/2006.

<sup>5</sup> Prólogo da obra: CARPENTIER, Alejo. **Écúe – Yamba – Ó**. Tradução de Mustafa Yazbek. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 8 e 9.

<sup>6</sup> Prólogo da obra: CARPENTIER, Alejo. **Écúe – Yamba – Ó**. Tradução de Mustafa Yazbek. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 5.

Com essa observação percebemos minimamente com quais idéias o autor dialoga na obra. Idéias da teoria marxiana e sobre a luta de classes. E, embora, a estética do texto não tenha alcançado a vanguarda em originalidade, forma ou musicalidade; a luta social do autor em divulgar a vida em Cuba durante aqueles anos se fez literatura e também se fez fator poderoso na luta por uma transformação radical da sociedade. Uma transformação lenta, mas possível; devido a denuncia social que executa.

*Écue-Yamba-Ó* é uma obra engajada politicamente, que promove reflexões com capacidade de denuncia da miséria em que viviam os negros cubanos, resgata a cultura africana que ali se estabeleceu devido ao passado colonial, propõe um olhar crítico sobre o imperialismo estadunidense e alerta para a falta de conhecimento, de uma parcela da população cubana, sobre as teorias marxistas e a Revolução Russa de 1917 com o objetivo de promover transformações sociais. Através da ficção o livro representa idéias, memórias e histórias de Cuba.

Cuba foi colônia espanhola, ilha produtora de açúcar e de concentração de mão-de-obra escrava. Por longo período o açúcar foi produto de vasto mercado na Espanha e no restante da Europa. Os canaviais eram cultivados pelos negros

africanos, trazidos com violência para a América para servirem ao trabalho forçado, sob o jugo dos colonos peninsulares. Os negros eram tratados pela maioria dos brancos como animais e não como seres humanos. Desprezavam seus sentimentos, suas culturas, seus desejos; salvo algumas poucas exceções: alguns momentos de companheirismo entre brancos e negros, por exemplo, as crianças brancas e negras que brincavam juntas pelo campo ou o escravo doméstico de companhia que ficava mais próximo dos senhores da casa.

Conforme nos informa Leon Pomer (1981)<sup>9</sup>: em 1762, Havana e as regiões vizinhas começaram a produzir o máximo possível de açúcar para a comercialização com a Inglaterra e em troca receberam escravos e ferramentas agrícolas vendidos com preços muito baixos. A negociação com a Inglaterra permaneceu por um curto período, aproximadamente dez meses, mas a dinâmica econômica da ilha adquiriu outros contornos. Cerca de 10 000 escravos negros, foram vendidos aos colonos, além das ferramentas que agilizavam o trabalho e melhorava a produção, também foi decretado o livre comércio e conseqüentemente o rompimento com o comércio exclusivo com

---

<sup>9</sup> POMER, Leon. **As independências na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p 56 a 58.

a Espanha, e ainda, cerca de mil embarcações chegavam à ilha preparadas para o transporte de mercadorias, antes não chegavam mais do que seis por ano.

Na relação entre brancos e negros que viviam em Cuba, o censo de 1792 indica a existência de 133 559 brancos, 54 152 negros livres e 84 333 negros escravos. Já em 1877, perto do impulso final da independência, Cuba tinha 963 175 brancos e 471 752 pessoas qualificadas como gente de cor.

O tráfico negreiro era um negócio bastante rentável que interessava até mesmo à coroa. Entre 1821 e 1831 mais de trezentas expedições ilegais descarregaram sessenta mil escravos na ilha cubana. A duquesa de Riansares, viúva do rei Fernando VII foi, por exemplo, uma das pessoas pertencentes à coroa e envolvida nos negócios negreiros.

A obra *Écue-Yamba-Ó* apresenta como personagens principais a família Cué. Dentre os personagens, o mais expressivos é Menegildo. A trama do enredo é focada principalmente na sua personalidade. O olhar atento à família Cué nos faz refletir sobre a representação de muitas famílias cubanas, que viveram trajetórias semelhantes, devido à estrutura sócio-político-econômico em Cuba no período entre a colonização e a década de 1930.

A família Cué vive em uma pequena propriedade rural. São negros, descendentes de africanos que foram levados à força para Cuba para o trabalho escravo durante o período colonial. O velho Luí, avô de Menegildo, que havia sido escravo, se empolgava ao contar as histórias de seu pai Juan Mandinga: nascido na Guiné, chegou a Cuba após “longa viagem no navio negreiro, pelo mar redondo, sob um céu de chumbo, sem mais comida do que biscoitos duros, sem água para beber a não ser a que era guardada em tanques nojentos...” (*Écue-Yamba-Ó*, 1989, p.80).

A escravidão na América remonta memórias de tempos difíceis; sofrimento e resistência. Para a produção do açúcar, que foi produto lucrativo por longo período, a monocultura, o latifúndio e o trabalho escravo foram escolhas principais para o desenvolvimento da economia colonial. No capítulo 21, o narrador e os relatos do velho Luí apontam características e castigos aplicados aos negros no sistema escravocrata: “Os engenhos de então não eram como os de agora, com tanta maquinaria e apitos. O forno do amo tinha um simples moinho, com umas maçãs e umas vasilhas para cozinhar a garapa. A chaminé era chata, larga embaixo e estreita no alto, como as de certos teares primitivos.



E tanto de dia, no meio da noite ou pela madrugada, os escravos penavam junto aos barris... O regime era implacável. As mulheres da negrada trabalhavam tão duro quanto os homens. Às cinco da madrugada o feitor fazia a chamada, e os que não tivessem coberto turnos da noite tinham que sair para o corte ou a casa de caldeiras, sob a ameaça do chicote. À tarde, soava o sino, e depois da oração todos se amontoavam nos barracões para dormir atrás das grades. Também havia chineses na época, mas eram mais bem tratados do que a carne de ébano. Nada era pior do que a condição de negro... ! Por qualquer coisa chicoteavam o sujeito, e ai menino!, ‘assobiava a casca de vaca’ ou o chicote matanegro sobre as costas contraídas. O couro e o cipó levantavam sangue salpicado até o teto do tumbadero<sup>10</sup>... E, às vezes, quando o delito era maior, se aplicava o ‘boca pra baixo fazendo contar’, e o suplicado precisava contar em voz alta os açoites que recebia. E se você se enganava, ai menino, o feitor começava de novo. Quem entendia que muitos boçais só sabiam contar corretamente até vinte e cinco ou trinta? Ninguém. Os gritos rasgavam as gargantas: Tá bom, meu amo; ta bom, meu amigo; tá bom... E depois, para curar as feridas, eles as

untavam com uma mistura de urina, aguardente, fumo e sal. E quando uma mulher grávida merecia castigo, abriam um buraco na terra para que seu ventre não recebesse golpes, e lhe marcavam as costas a chicotadas... E os grilhões! E os cepos! E os colares de sinetas que iam apregoando a culpa por todo lado! Ai, menino, os tempos eram ruins ...! Somente aos domingos, depois da limpeza do terreiro e da casa-grande, os escravos podiam esquecer seus padecimentos durante algumas horas.”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.80 e 81). Apesar de tantos castigos os negros resistiram como puderam e conservaram muito da cultura africana: a religiosidade, a linguagem, as festas... E sobre a Festa de Reis o narrador nos apresenta a seguinte descrição: “Sob a presidência do rei e da rainha designados para a ocasião, o bastonero dava o sinal para o baile. Ressoavam os tambores, e os cantos evocavam mistérios e grandezas de lá... Mas a negrada do campo ignorava os esplendores da Festa de Reis, que somente se celebrava condignamente nas cidades. Nesse dia as ruas eram invadidas por grupos *lucumís*<sup>11</sup> em *congós* e *ararás*, dirigidos por diabinhos cabeludos, reis mouros, e ‘bundudas’ com

<sup>10</sup> Tumbaderos eram os lugares onde se açoitavam os escravos na época colonial (nota do tradutor na obra Écue-Yamba-Ó, 1989).

<sup>11</sup> Lucumí: nome dado em Cuba aos negros da Nigéria e do Sudão (nota do tradutor na obra Écue-Yamba-Ó, 1989).

chifres. Antes da oferenda dos presentes, dançava-se a cobra:

Mãezinha, mãezinha,  
 yén, yén, yén,  
 a cobra vai me comer,  
 yén, yén, yén.  
 Mentira, minha negra,  
 yén, yén, yén.  
 É brincadeira de minha terra,  
 yén, yén, yén...”(Écue-Yamba-Ó,  
 1989, p.81 e 82).

Os negros foram a mão-de-obra principal do continente americano durante o período colonial. E sofreram ao longo da sua história em Cuba, assim como em outros países da América, todo tipo de preconceito e mal trato. Gradativamente os processos de independência foram adquirindo forma e força. Cada região, com suas próprias histórias organizaram-se na luta pela independência, e longo período de guerra se estendeu pela América. O modo de produção escravista foi perdendo espaço. O exemplo do Haiti, com as revoltas dos negros e a tomada do poder na consolidação da independência amedrontava os aristocratas políticos.

E sobre a independência cubana Leon Pomer escreve:

Na Espanha os liberais pressionam para que seja concedida a independência a Cuba.

Mas os aristocratas conservadores e os que lucram com escravos e açúcar fecham os olhos e prosseguem a repressão. O general Valeriano Weyler, chefe dos exércitos espanhóis na ilha, faz dela um imenso campo de concentração. O cônsul americano informa a seu governo: há quatrocentas mil pessoas encerradas nos infernais campos e diariamente morrem dezenas, de inanição, de febre ou de desgosto. Mais da metade da província de Havana está sob prisão. A situação é insustentável. Por outro lado, Cuba depende economicamente dos Estados Unidos: é o grande consumidor de seu açúcar. Os ianques podem manipular a economia da ilha de acordo com sua vontade; alterando os preços, dificultando ou favorecendo a importação de açúcar. Máximo Gómez, por sua vez em julho de 95 (1895) – pouco depois que Martí foi morto – decreta a paralisação dos trabalhos nas fazendas de açúcar, sob pena de mandar incendiar os canaviais, e proíbe a introdução de mercadorias nas cidades ocupadas pelo inimigo. Todos perdem: a oligarquia açucareira, os mercadores que comercializam o produto e os Estados Unidos, o grande mercado. Resta apenas uma coisa: a intervenção da grande potência norte-americana. Em 25 de novembro de 1897 um decreto da Coroa espanhola outorga-lhe a autonomia e o país tem o seu primeiro governo próprio, cubano. E logo

depois, a 1º de janeiro de 1899, a bandeira espanhola que já havia sido arriada é substituída pela norte-americana. Um governo militar presidido pelo general William Ludlow ocupa o lugar dos antigos dominadores. Cuba independente? Sem dúvida, da Espanha... Mas a luta prosseguirá. (POMER, 1981, p. 62 e 63).

O Senhor de Engenho, para o qual Juan Mandinga trabalhava, era um homem ligado ao pensamento iluminista e percebia as transformações que aquela sociedade enfrentava: “O amo daquele engenho não era como tantos outros. Era ligado à maçonaria. Lia certos livros franceses que falavam da igualdade entre os homens. Destruíu vários calabouços destinados à negrada. Frequentemente repreendia o feitor quando o surpreendia castigando um negro com excessiva rudeza. (...) Quando estourou a guerra<sup>12</sup>, foi dos primeiros a se levantar contra os batalhões espanhóis.”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.82). Após o fim da escravidão em Cuba, o Senhor presenteou Juan Mandinga com um pedaço de terra, em gratidão ao tempo que viveram e lutaram juntos. Também o autorizou a usar o seu sobrenome – Cué – “para que sua prole não fosse marcada por um nome forjado em

mercado de negros...”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.83).

Foi nessa pequena propriedade rural, presenteada a Juan Mandinga, que a família Cué sobreviveu. E o casal, Usebio e Salomé, pai e mãe dos filhos Menegildo, Barbarita, Titi, Andrezinho, Ambarina e Rupelto, construía as suas histórias. O casal não tinha o menor controle de natalidade, e seus filhos chegavam ao mundo, um após outro.

O nascimento de Menegildo é relatado sem nenhum sentimento de felicidade ou emoção apenas um acontecimento comum e cotidiano. A criança nasceu na casa da família, no momento em que sua mãe, Salomé, estava lavando roupa. Ela teve a criança sozinha, sem a ajuda de um médico ou de uma parteira. O nascimento foi rápido e tranqüilo. Ela já tivera vários filhos e estava acostumada às dores e ao trabalho de parto: “Salomé esfregava com a barra da saia um horrível pedaço de carne roxa. Um novo cristão enriquecia a já generosa estirpe dos Cué.”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.24). A representação da natalidade de Menegildo nos faz refletir sobre as condições de miserabilidade na sociedade cubana por volta da década de 1920. A falta de atendimento médico adequado à população era uma realidade.

<sup>12</sup> O narrador se refere a guerra de independência cubana.

O antigo engenho de açúcar, onde trabalharam tantos negros escravos, inclusive os antepassados da família Cué, se transformou em uma indústria estadunidense – o Engenho San Lucio. O velho Usebio Cué, pequeno proprietário rural, produtor de cana de açúcar, vendia a sua produção para o engenho e assim tinha a manutenção da sua sobrevivência e também da sua família. “Para ele a cana não guardava o menor mistério. Mal ela surgia por entre os torrões de terra negra, seguia-se seu desenvolvimento sem surpresas. A saudação da primeira folha; a saudação da segunda folha. (...)” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p. 15). O narrador afirma que Usebio Cué, assim como tantos outros proprietários rurais, eram *servos*<sup>13</sup> do engenho. A sua propriedade não conhecia o cultivo de outro produto, a não ser o da “cristalina”, que é uma espécie de cana-de-açúcar. Era o trabalho dessas pessoas que alimentava o engenho. Os proprietários rurais vendiam arrobas de cana-de-açúcar para o engenho que as transformavam em outros produtos: açúcar cristalizado, bebidas, doces: “Para cada cem

arrobas de cana que o colono entregue à Companhia, receberá em moeda oficial o equivalente a X arrobas de açúcar centrifugado, concentrado a 96 graus, segundo média quinzenal correspondente à quinzena em que tenham sido moídos as canas em questão...” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p.15). O trabalho de sol a sol na terra vermelha do campo envolvia, geralmente, toda a família: homem, mulher e crianças, principalmente nas pequenas propriedades rurais que dependiam da mão-de-obra familiar. “E apesar do intenso trabalho das colônias vizinhas, a produção da comarca inteira mal dava para saciar o apetite do San Lucio, cujas chaminés e sirenes exerciam, nos tempos da safra, uma tirânica ditadura.” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p. 16). O engenho San Lucio tinha alta produtividade e a narrativa descreve, no primeiro capítulo da obra, bons momentos da economia cubana. Apesar das dificuldades do trabalho para os pequenos produtores rurais havia desenvolvimento econômico no país.

Já no primeiro capítulo da obra o narrador descreve o ambiente em torno do engenho, do qual partiam várias trilhas férreas para o transporte da cana e dos produtos produzidos. Ali, a vida se construía em torno da San Lucio. E é curiosa a descrição do narrador para a presença de um

<sup>13</sup> O autor utiliza o termo servo, que no passado caracterizava uma pessoa do modelo produtivo medieval, entretanto Usebio Cué representa um trabalhador no modelo de produção capitalista. Há uma tentativa de mostrar o materialismo histórico trabalhado na teoria marxiana. Em outra passagem da obra o narrador aponta rapidamente o termo – materialismo histórico. Ver Écue-Yamba-Ó, 1989, p.120.

campo de beisebol próximo ao engenho, e ainda as palavras em inglês que marcam a cultura e o modo de vida estadunidense, que naquele momento estavam muito presente também na vida cubana: “um sapato cravado no *home*<sup>14</sup>.” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p.17). E sobre o engenho o narrador ainda afirma: “A escória do mel engordará vacas americanas”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.22).

O engenho movimentava o comércio local e trabalhadores de várias nacionalidades iam para aquela região com o propósito de comercializar produtos ou oferecer-se como mão-de-obra: “então começava a invasão. Tropel de trabalhadores. Capatazes americanos mascando charutos. O químico francês que cotidianamente amaldiçoava o cozinheiro da pensão. O pescador italiano que comia pimenta com pão e azeite. O inevitável viajante judeu, enviado por uma empresa ianque de máquinas. E a seguir, a nova praga permitida por um decreto de *Tiburón*<sup>15</sup> dois anos antes: esquadrões de haitianos mal-trapilhos que surgiam no horizonte distante trazendo suas mulheres e galos de briga, dirigidos por algum *condottiero* negro com

chapéu de palha e machete à cintura.” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p.18). Também chegavam Jamaicanos, imigrantes galegos que vinham em barcos franceses, poloneses, horticultores asiáticos, atacadistas chineses. Todos trazendo consigo suas culturas e seus produtos e serviços comerciais competitivos e que se alto gestavam. O mercado construía suas próprias regras e os mais fortes e adaptados eram vitoriosos, conforme as ideologias liberais: “Os atacadistas chineses investem milhares de dólares em fardos e barris que lhes são enviados por Sung-Sing-Lung (...) com o objetivo de fazer violenta concorrência à mercearia do engenho, recentemente aberta para ordenhar dos trabalhadores as moedas que acabam de receber.” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p.19). Vários produtos de todas as partes do mundo estavam presentes, principalmente cigarros e bebidas: “Há cigarros estrangeiros com as imagens de príncipes vespós. Tijolos de tabaco embrulhados em papel prateado. *Fátimas* com odaliscas<sup>16</sup>, Marcas que exibem escudos reais, quedivas ou mocassins indígenas. Os botecos e cantinas se enfeitam. Mil bebidas são vistas nas estantes. A caña santa<sup>17</sup> que cheira a terra. Os runs ‘de garrafão’. A aguardente opaca

<sup>14</sup> Home é uma das partes do campo de beisebol, conforme consta na nota do tradutor na obra Écue-Yamba-Ó, 1989 . Ver p. 17.

<sup>15</sup> Tiburón significa tubarão. Apelido dado pelo povo ao presidente J. M. Gómez, um aficionado da pesca de esqualos (nota do tradutor na obra Écue-Yamba-Ó, 1989).

<sup>16</sup> Traços culturais do ocidente e do oriente.

<sup>17</sup> Cachaça (nota do tradutor na obra Écue-Yamba-Ó, 1989).

em garrafas aquáticas que contêm um raminho de açúcar cristalizado. Em algumas etiquetas militares dançam com saiotos de uísques escoceses. Carta branca. Carta de ouro. As estrelas de conhaque transformam-se em constelações. Há Torinos fabricados em Regla e anis em vidros ufanistas com citações de romaria. Medalhas. A Exposição de Paris. *El preferido*. Uma litografia que mostra uma amazona com roupa de lantejoulas e botas pela canela, sentada nos joelhos de um velho luxurioso e condecorado. Não falta sequer o *mu-kwe-ló* de arroz, guardado em obesos potes de barro escuro que chegaram ao casario após cinquenta dias de viagem, via San Francisco, embrulhados em manifestos do Partido Nacional Chinês.”<sup>18</sup> (Écue-Yamba-Ó, 1989, p.19 e 20). Produtos variados de locais diversos do globo chegavam à Cuba e os sinais de imperialismo estadunidense sobre o território cubano começam a transparecer na obra. Além dos trabalhadores rurais que produziam cana e vendiam para o engenho, a obra também descreve o cotidiano dos trabalhadores no interior da San Lucio: “Os homens, *assexuados, quase mecânicos*, sobem escadas e percorrem plataformas,

---

<sup>18</sup> Nesse trecho observamos a globalização de culturas estereotipadas, mercadorias e capital presente na narrativa que descreve o ambiente cubano entre as décadas de 1920 e 1930, aproximadamente.

sensíveis às menores falhas dos organismos parafusados que brilham e vibram sob sudários de vapor.”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.21)<sup>19</sup>. “A fábrica ronca, fuma, estertora, apita. A vida se organiza de acordo com seus desejos. A cada seis horas são lhe enviadas centenas de homens. *Ela os devolve esgotados, sujos, ofegantes*. À noite, arde na escuridão como um transatlântico incendiado. Ninguém contraria seus caprichos. Todos os relógios colocam-se de acordo quando soam seus toques de sirene.”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p.22)<sup>20</sup>. A vida dos trabalhadores era regida pela fábrica. A impressão que temos ao ler as descrições do narrador sobre a San Lucio é que o trabalho no engenho não serve para benefício dos seres humanos que dependem dele, mas o contrário, é o trabalho dos sujeitos que beneficia a fábrica. E na narrativa a San Lucio recebe características humanizadas.

A San Lucio, durante certo período, ofereceu trabalho e desenvolvimento para a região. A família Cué, assim como outros pequenos produtores, produziam cana e vendiam para a indústria. Mas com o passar do tempo a San Lucio foi comprando as terras próximas e formou a sua própria

---

<sup>19</sup> Grifos nosso.

<sup>20</sup> Grifos nosso.

fazenda, então cultivavam a cana necessária para a manutenção do fornecimento de matéria-prima à companhia e compravam dos produtores rurais particulares apenas a quantidade que lhes faltavam. Muitos produtores venderam suas propriedades para a San Lucio, Usebio Cué, “com a obstinação de um homem apegado ao chão que lhe pertence” (Écue-Yamba-Ó, 1989, p.29) não quis vendê-lo.

Uma crise econômica há tempos “pairava sobre os campos que rodeavam o Engenho San Lucio. À medida que o açúcar subia, à medida que suas cotações iam aumentando nas lousas de Wall Street, as terras adquiridas pelo engenho formavam uma mancha maior no mapa da província (...). Deixaram o tempo passar. E num ano em que a cana havia crescido particularmente vigorosa e sólida, Usebio deparou-se com um problema que lhe surgia pela primeira vez: a Companhia declarava ter o bastante com a cana plantada em terras próprias e negava-se a comprar as dele. E somente podia contar com o San Lucio, pois os outros engenhos ficavam longe demais, e não havia mais trens disponíveis, a não ser os da própria empresa! Depois de uma noite de raiva e maldições, durante a qual pediu aos céus que as mães de todos os americanos amanhecessem entre quatro velas, Usebio

encilhou a égua e foi até o engenho, decidido a vender sua fazenda. Mas o problema agora é que as suas terras já não mais interessavam à empresa ianque...! Depois de muita discussão, Usebio teve que se contentar com a metade da soma proposta no ano anterior, soma outorgada como um favor digno de agradecimento. E isso porque o açúcar, depois de atingir cotações sem precedentes, se mantinha a mais de três centavos a libra(...). Foi assim que a propriedade dos Cué se reduziu, do dia para a noite, a um simples terreno com curral.”(Écue-Yamba-Ó, 1989, p. 28 e 29).

Essa trajetória da história cubana, desde o período colonial até a industrialização e o desenvolvimento econômico capitalista em Cuba é relatada pelo narrador ficcionalmente através dos personagens que compõem a família Cué. Com atenção especial para as relações do trabalho escravo até o trabalho assalariado. É uma ficção que representa realidades vividas por muitos sujeitos cubanos. E no decorrer da narrativa observamos sutilezas sobre a temática comunista, certamente reflexos das discussões travadas naquele período em que a obra foi escrita. E em certa passagem, que relata a prisão do personagem Menegildo, após agredir Napoleão, observamos:

Lá pelas cinco da tarde a dupla da guarda rural prendeu Menegildo.

Não era acusado – por casualidade – de fazer propaganda comunista nem de atentar contra a segurança do Estado.

Era simplesmente por causa do haitiano Napoleão, que havia sido encontrado numa valeta da estrada, quase exangue, com um coxa aberta por uma facada. (Écue-Yamba-Ó, 1989, p. 105)

Os comunistas eram apresentados em várias partes de globo como a “ameaça vermelha”. Uma agressão aos Estados Nacionais Capitalistas. E também em Cuba vários militantes comunistas foram perseguidos, ficando condenados às prisões e exílios. O próprio Carpentier vivenciou essas experiências.

E atentando a biografia do autor observamos que Carpentier foi preso em 1927 por participar de protestos contra a ditadura no governo Machado. Devido as perseguições políticas e as condições em que se encontrava em Cuba, em 1928 foi morar durante uma temporada na França, onde trabalhou em uma importante estação de Rádio, foi crítico musical e compositor. Na década de 1940 viajou para o Haiti e para o México e observou e conheceu melhor o continente. Viveu na Venezuela durante o período entre 1945 a 1959, depois regressou a Cuba, onde desempenhou diferentes

funções políticas e docentes, sendo nomeado Subdiretor de Cultura do Governo Revolucionário. Posteriormente, foi designado ministro conselheiro da Embaixada de Cuba em Paris. Écue-Yamba-Ó foi o primeiro livro que produziu, ele também escreveu outros romances históricos e obras de cunho realista fantástico. E faleceu em 1980.

Carpentier também foi, contista, poeta e musicólogo. Desenvolveu arte com características próprias da América Latina tratando de temas diversos: a cultura afro-americana, a cultura ameríndia, as questões políticas e econômicas.

Ele também se envolveu ativamente com as questões políticas em Cuba, apoiou à Revolução Cubana de 1959 e manteve-se sempre fiel ao regime.

Em outra passagem da obra, Carpentier também é crítico sobre o olhar da população a respeito do movimento comunista e os episódios históricos sobre a Revolução Russa de 1917.

O narrador relata o momento em que o personagem Menegildo vai ao centro espírita de Dona Cristalina Valdés; uma casa religiosa que mistura várias crenças e pouca organização disciplinar. Dona Cristalina Valdés se aproveitava de alguns conhecimentos para se legitimar diante dos



frequêntadores da casa e em alguns momentos apresenta comportamentos duvidosos sobre sua metodologia religiosa. Então o narrador descreve o quintal e a sala da casa espírita assim:

Havia dois pés de mamoncillo em seu quintal, e um poço profundíssimo, um busto de Lênin e um roseiral.

(...)

Na sala, um retrato de Allan Kardec ficava ao lado de um triângulo maçônico, um Cristo italiano, o clássico São Lázaro cubano *'printed in Switzerland'*, uma efígie de Maceo e uma máscara de Vitor Hugo. Segundo Cristalina Valdés, todos os *'homens grandes'* eram *transmissores*.

Transmissores de uma força cósmica, indefinível, tão presente no sol como na fecundação de um óvulo ou numa catástrofe ferroviária. Por isso, qualquer retrato, busto, modelo, caricatura ou fotografia de homem famoso e morto que lhe caísse debaixo dos olhos ia enriquecer o arquivo iconográfico do seu *'Centro Espírita'*. (Écue-Yamba-Ó, 1989, p. 157)

Podemos interpretar que Dona Cristalina Valdés representa um sujeito do cotidiano cubano que provavelmente não entendia muito sobre o que representava a imagem de Lênin.

Carpentier foi sutil ao mencionar Lênin como uma figura presente na casa

espírita. O autor expressa de forma cômica a possibilidade de revolução comunista no ambiente cubano, mas uma revolução pautada na história dos sujeitos cubanos.

Ao final da obra, Menegildo é assassinado por motivos pouco explicados. Em um conflito entre grupos rivais. E o último capítulo é marcado pela natalidade do filho de Menegildo, também chamado Menegildo, que volta a mesma sina do pai, a mesma vida, as mesmas práticas cotidianas. A revolução não ocorreu para o filho de Menegildo.

Ao final da produção da obra Écue-Yamba-Ó, Carpentier ainda não vislumbrava a Revolução Cubana. Ainda era provável que a vida de muitos negros pobres continuaria da mesma forma, mas anos mais tarde ele escreve:

Morto Menegildo, nasce um segundo Menegildo – seu filho – no capítulo final do romance. Este terá vinte e oito anos em 1959. Terá visto outras coisas, terá ouvido outras palavras. E, para ele, “outros galos cantarão” – como diria o solene Usebio Cué – na alvorada de uma Revolução que deverá lhe proporcionar sua dignidade e sua dimensão de Homem, dentro de uma realidade nova, sobre um solo onde, até então, por causa da cor da pele, tal dimensão lhe

era negada.  
(CARPENTIER, 1989) <sup>21</sup>

A partir de 1959 a Revolução Cubana proporciona mudanças expressivas no cotidiano do país. Uma revolução socialista.

Os anos passaram, e entre 1959 até os dias atuais observamos várias análises sobre a Revolução Socialista em Cuba. O século XXI já nos cobra outras reflexões sobre o Socialismo e o Comunismo. Foi um tempo de utopias, mas ainda não é o fim da história.

Já a obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, é composta pela trilogia: *Os ásperos tempos*; *A agonia da noite* e *A luz do túnel*, e foi escrita nos primeiros anos da década de 1950 quando Jorge Amado estava exilado na Europa.

Perseguido no Brasil, o escritor é aclamado no leste europeu, instala-se no “Castelo dos Escritores” da Tchecoslováquia, antiga residência de aristocratas que o governo comunista transforma em hospedaria para os novos “engenheiros da alma humana”. É aí que escreve os três volumes do romance, entre novas viagens, palestras e congressos. Desse contato – intelectual e político com a realidade do comunismo, nasce o inegável perfil apologético dos

Subterrâneos. (DUARTE, 1995, p. 273 e 274).<sup>22</sup>

A obra descreve o Brasil na década de 1930 e as lutas e mobilizações comunistas por todo o país. Apresenta diversos movimentos sociais, tais como: as mobilizações dos trabalhadores/as nas fábricas paulistas, paralisação do Porto de Santos pela greve, manifestações indígenas na Bahia e a guerrilha camponesa no Vale do Rio Salgado, no Mato Grosso e juntamente com esses movimentos estão as articulações dos militantes comunistas que seguem orientações do PCB e informes internacionais.

Ela também é um relato ficcional da própria memória do autor, que vivenciou os debates políticos naquela época e a militância comunista, além de ter sido eleito deputado em 1946 pelo P.C.B.

Amado (1912 – 2001) conheceu o Partido Comunista do Brasil - PCB e atuou ativamente na sua organização. Enquanto escritor produziu obras engajadas que apresentavam e divulgavam as ideologias comunistas, e suas obras foram publicadas em vários países do mundo.

Em 32, em parte por influência de Raquel de Queiroz, aproxima-se da militância esquerdista: lê

<sup>21</sup> Prólogo da obra: CARPENTIER, Alejo. *Écue – Yamba – Ó*. Tradução de Mustafa Yazbek. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 11.

<sup>22</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

novelas da nova literatura proletária russa e do realismo bruto norte-americano (...). Ainda no decênio de 30 conhece a América Latina e vê seus primeiros livros traduzidos para vários idiomas. Nos anos da II Guerra faz literatura de propaganda política e envolve-se na oposição ao Estado Novo, sendo preso em 1942. Livre, passa algum tempo na Bahia onde retoma literariamente cenas e tipos de *Cacau*, em *Terras do Sem-Fim* e *São Jorge de Ilhéus*. Eleito deputado, em 1946, pelo P.C.B., resolve exilar-se quando do fechamento deste. Viaja longamente pela Europa Ocidental e pela Ásia (1948-52). As traduções dos seus livros alcançam então altas tiragens nos países socialistas. Voltando ao Brasil, traz escritas obras abertamente partidárias (*O Mundo da Paz*, *Os Subterrâneos da Liberdade*). Instala-se, por algum tempo, no Rio, onde dirigirá o semanário *Para Todos*. (BOSI, 1981 p. 457)<sup>23</sup>

Mas Amado não produziu somente obras de engajamento comunista, ele também tratou de temas como o folclore, festas populares, questões de gênero, sexualidade e problematização regionalista (tal como da região do cacau no Brasil).

<sup>23</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

Muitas pessoas que conheceram Jorge Amado, relatam que ele era um escritor que caminhava pelas cidades em busca de histórias. Histórias de vida de sujeitos do cotidiano. Ele observava o mundo e falava sobre o que via, misturando sentimentos, fantasias, realidades e ficções em suas obras.<sup>24</sup>

Escrevia livremente, com uma linguagem popular e simples. Ele se denominava um contador de histórias, dizia que apenas contava histórias. Na obra *Cacau* (1933), Amado “provoca a crítica ao colocar em epígrafe a afirmação de que teria escrito o livro com um ‘mínimo de literatura’ e um ‘máximo de honestidade’.”<sup>25</sup>

O crítico literário Alfredo Bosi é categórico em seu comentário sobre a obra de Amado, ele diz:

Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e nunca desmentido êxito junto ao público. Ao leitor curioso e glutão a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão, esteriótipos em vez de trato orgânico dos

<sup>24</sup> AGUIAR, Josélia. As cartas de uma vida inteira. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 35-39, ago. 2006.

<sup>25</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40, ago. 2006.

conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclóricos” em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade... Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo. O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles será por certo o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano. (BOSI, 1981 p. 458 e 459)<sup>26</sup>

Mas é preciso rever toda a obra do autor e o tempo histórico que ele descreve e vivencia. Muitos preconceitos a respeito de Amado se dão devido a sua formação stalinista e ao seu engajamento com o Partido Comunista do Brasil – PCB.

Ao longo de duas décadas, entre os anos 30 e 50, ele mesmo admitiu, Stalin foi seu ídolo. (...) Já em 1951, exilado em Praga com a mulher Zélia Gattai, e com grande amargura, ele desconfiava dos métodos do regime soviético. ‘As dúvidas crescem, não devemos duvidar, não queremos duvidar’, debatia-se. As revelações feitas por Nikita Krushev, em 1956, a respeito dos terrores do regime de Stalin foram uma pá de

cal em suas crenças. (CASTELLO, 2006)<sup>27</sup>

Observando dois momentos da obra literária de Jorge Amado, temos que entre os anos de 1931 a 1954, aproximadamente, o autor fez escolhas ideológicas sobre sua postura no mundo e essas escolhas ficaram refletidas em seus trabalhos. Entre as obras *O país do carnaval* (1931) até *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), “prepondera a representação dos antagonismos sociais e políticos, segundo o paradigma da luta de classes.”<sup>28</sup>

A partir de 1958 com a obra *Gabriela, cravo e canela*, o autor se posiciona politicamente de outra forma, denunciando outras questões sociais, tais como as relações de gênero, em trabalhos não menos importantes.

Entre 1930 e 1988 o mundo se transformou e Amado acompanhou diversas transformações. As paixões revolucionárias foram repensadas por diversos intelectuais. Houve até mesmo aqueles que falaram sobre o fim da história, se referindo a derrota do projeto comunista. Amado se decepcionou com o governo stalinista, mas mesmo pouco antes de sua morte ainda afirmou: “Só resta

<sup>26</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

<sup>27</sup> CASTELLO, José. Realismo Sensualista. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 28, ago. 2006.

<sup>28</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40, ago. 2006.

o socialismo, mais nada”<sup>29</sup>. Se referindo talvez a um projeto que beneficiasse a humanidade, um projeto coletivo e democrático, nunca alcançado. E é sobre esse projeto coletivo que muitos personagens da obra *Os Subterrâneos da Liberdade* lutam. Personagens que o escritor deixou para contar uma ideologia.

*Os Subterrâneos da Liberdade* faz um acerto de contas com a política Varguista, apresentando reflexões sobre as negociações financeiras e políticas internacionais daquele período histórico, e ainda, traz relatos surpreendente sobre as torturas sofridas pelos comunistas apresentando personagens ficticionais e outros reais. O livro apresenta vários personagens fictícios e também não deixa de apresentar personagens que a História já conhece, tais como: Luis Carlos Prestes e Olga Benario, que são dois sujeitos de destaque na luta comunista nos anos de 1930, e são citados com eloquência pelo narrador em vários momentos da obra.

O livro também retrata momentos da ditadura varguista após 1937, os tramites do Partido Comunista do Brasil - (PCB) enquanto estava na ilegalidade, a repressão da polícia política aos militantes comunistas,

a movimentação da Aliança Nacional Libertadora – (ANL) que reivindicava reformas sociais contra o imperialismo, o latifúndio e à ameaça fascista, e também sobre a Ação Integralista Brasileira – (AIB) que surgiu em 1932 e fora inspirada no modelo fascista europeu.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> “Após a vitória do movimento de 1930, que conduziu Getúlio Vargas ao poder, o Brasil caiu num verdadeiro vazio partidário, afinal preenchido por duas organizações de tendências opostas: a Ação Integralista Brasileira (AIB), inspirada no modelo fascista europeu, surgida em 1932, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de 1935 que reivindicava reformas sociais com urgência.

Foi este o clima de polarização política – que refletia uma tendência mundial – encontrado pelo casal Luiz Carlos Prestes e Olga Benario ao desembarcar no Brasil, em abril de 1935. Este foi um ano especialmente turbulento. À crescente radicalização do governo corresponderia a radicalização das esquerdas. A ANL, também declarada ilegal, e o Partido Comunista do Brasil (PCB) articularam os levantes revolucionários que a história oficial denominaria pejorativamente de Intentona Comunista.

Deflagrada por sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão, que assumiram em nome da ANL o controle do quartel, uma revolta eclodiu em Natal, a 23 de novembro de 1935, com a participação de alguns elementos civis. O despreparo na organização do movimento fez com que fosse rapidamente sufocado, o mesmo acontecendo com a rebelião ocorrida, no dia seguinte, no 20º BC, de Recife. Por fim, em 27 de novembro, as forças legalistas puseram fim ao levante do 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Ao final desses acontecimentos a repressão aumentou ainda mais, com a prisão de vários líderes comunistas. Prestes é preso e levado a julgamento em 1936. Diante da ameaça do “perigo vermelho”, Vargas conseguiu no Congresso poderes cada vez mais amplos, num processo que culminou com o estabelecimento de um governo ditatorial, o Estado Novo, Implantado pelo golpe de 1937. Prestes passou nove anos na cadeia. Olga morreu num campo de concentração da Alemanha nazista.” In.: PRESTES, Anita Leocádia. Revolucionária, sem perder a ternura.

---

<sup>29</sup> CASTELLO, José. Realismo Sensualista. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 33, ago. 2006.

É interessante atentarmos que vários documentos históricos, tais como: livros, filmes, relatos e músicas retratam a repressão policial aos militantes comunistas no Brasil após o golpe de 1964, e observamos, conforme sugere a obra de Amado, que talvez as práticas de repressão e até tortura eram freqüentes na década de 1930. Olhar para esse dois períodos, entendendo que são momentos históricos diferentes, mas que apresentam semelhanças quanto à perseguição aos comunistas, nos leva a refletir sobre as práticas e as ideologias que tanto alarmavam determinado grupo social.

E sobre o título da obra: *Os Subterrâneos da Liberdade* – essa é uma expressão pertinente para a análise do livro e da fonte histórica que representa. A obra constrói um olhar sobre o movimento comunista que se desenrolou, também, nas vias *subterrâneas*. Além da organização do Partido Comunista do Brasil – PCB, também vários sujeitos engajaram-se no movimento, levados por valores ideológicos que vivenciavam nos diversos ambientes sociais, tais como: na família, no trabalho e entre os amigos. E é esse engajamento de diversos sujeitos e em diversos ambientes que se

apresenta como *subterrâneo*. Através da obra, verificamos que a trajetórias de luta comunista teve força no Brasil e em outras regiões do globo, devido também, aos sentimentos e ideologias que se formaram nos territórios *subterrâneos*. Com ações que não estavam totalmente determinadas pelos partidos políticos de tendência comunista, entretanto observamos a presença marcante do partido como órgão organizador de uma estrutura e estratégias para se alcançar algumas finalidades. Assim, a obra dialoga com esse mutualismo, a aliança entre a estrutura organizacional do partido e seus dirigentes e o envolvimento de sujeitos oriundos da sociedade cotidiana, que talvez em algum momento, não estavam ligados diretamente à direção do partido, mas que simpatizavam com a causa e acreditavam nas propostas de transformação da sociedade pelo viés comunista.

Durante a produção dessa obra, a União Soviética ainda compunha um império político de esquerda, presente e fortalecido no mundo, e as ideologias comunistas ainda se miravam nos exemplos de revoluções vitoriosas, que prometiam eliminar a miséria e a exploração do trabalho a caminho de uma sociedade mais igualitária e livre da diferenciação de classes sociais.

Muitos intelectuais acreditaram na possibilidade de construção de outras estruturas sociais, capazes de proporcionar um mundo melhor. Pautado nas idéias de produção coletiva e organizada coletivamente pelos trabalhadores e em benefício de todos. Certamente, o próprio Amado acreditou apaixonadamente nesse projeto social, mas no decorrer histórico, o que verificamos foi a não consolidação desse projeto maravilhoso e a queda da União Soviética.<sup>31</sup>

Os personagens da obra apresentam idéias e ideologias que os impulsionam a agir apaixonadamente pelas causas comunistas. O compromisso dos militantes com o partido é outra característica marcante em vários personagens da obra. Por exemplo, analisando de forma sucinta a personagem Mariana, podemos questionar valores, histórias e memórias a respeito do movimento comunista brasileiro na década de 1930.

Assim, temos que, o pai de Mariana era militante do partido comunista, e desde a sua infância ela convive com as diversas reuniões que aconteciam em sua própria casa. E foi a partir do amor e convívio com o

pai que Mariana se interessou pela luta política.

A família de Mariana eram pessoas humildes, trabalhadores na cidade de São Paulo. Mariana parou os estudos aos 15 anos e fora trabalhar em uma fábrica de tecidos. Logo sua irmã mais nova, fora lhe fazer companhia.

Seu pai, ainda jovem conheceu a militância política e diversas leituras sobre as ideologias comunista e a possibilidade para um outro modo de vida social. Nos lugares onde trabalhou, se envolveu com as organizações dos trabalhadores: discutia sobre as suas atuações, as condições de trabalho, a maneira como viviam... Com esse comportamento não conseguiu se manter empregado por muito tempo. Estava sempre em busca de um novo emprego, pois era demitido logo que percebiam o seu comportamento. A mãe de Mariana sofreu muito com tudo isso. E sempre teve que trabalhar para ajudar no sustento da família.

Sobre a maneira como se comportava, o pai de Mariana explica:

- Eu mesmo não sei muito, minha filha. Foi já depois de homem feito que compreendi a significação da nossa luta. E isso mudou tudo para mim: antes a vida era vazia e eu achava o trabalho um ganha-pão apenas. Vocês duas

<sup>31</sup> Ver a autobiografia de Pagu (Patrícia Galvão) - 1910 – 1962: GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz, 1 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

eram pequenas, tua mãe era moça e bonita, e, no entanto, muitas noites eu ia pra a rua, pra casa de amigos ou pro botequim. Hoje no Partido, sei que o trabalho não é humilhante, humilhante é a opressão e que só lutando contra ela podemos melhorar a vida. Desde então tudo foi alegre para mim e nunca mais me cansei de vocês... A mãe tem sofrido muito com essa minha vida, sei que às vezes vocês têm passado dificuldades. Mas penso que estou no caminho direito, no único que liberta a gente do sofrimento. (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 42 e 43)<sup>32</sup>

Aos 18 anos, logo após a morte do seu querido pai, Mariana ingressa no Partido Comunista, levada pelas paixões que vivenciou na trajetória de luta de muitos companheiros com quem conviveu.

Ingressara no Partido aos dezoito anos mas, em verdade, desde muito jovem sua vida estivera ligada aos comunistas. Seu pai tinha sido um dos mais antigos militantes do Partido e, na casa que ocupava antes da sua morte, um pouco maior e melhor que a atual, muita reunião ilegal se tinha realizado, muito material de propaganda tinha sido escondido e

por mais de uma vez a polícia chegara pela noite, acordando os moradores, dizendo palavrões, ameaçando, vasculhando os menores recantos.

(...)

Mariana recordará sempre a primeira “batida” da polícia em sua casa. Ela não havia completado mesmo quatorze anos e era franzina e irrequieta. Os policiais apareceram pela madrugada e ela, através da porta entreaberta do seu quarto, os via tirando livros da pequena estante – aqueles livros que o pai lia pela noite adentro com uns óculos rebentados, amarrados com cordão, aqueles livros cujos dorsos Mariana limpava a cada dia para que o pai, ao chegar da fábrica, os encontrasse sem nenhuma partícula de pó, aqueles livros que ela amava então pelo amor que o pai lhes tinha – jogando-os sobre uma mesa, repetindo títulos que Mariana sabia de cor de tanto os mirar em mãos do pai, sentada aos seus pés, enquanto ele lia: “O manifesto comunista”, “Origem da família”, “O extremismo, doença infantil do comunismo”, um resumo do “Capital” em espanhol. Um dos investigadores os empilhava uns sobre os outros, enquanto, um pouco à parte, um cigarro apagado no canto dos lábios, um

<sup>32</sup> AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: AMADO, J. **Os Subterrâneos da Liberdade**. São Paulo: Martins Editora, 1969. v. 1.



mulato de voz rouca, que parecia ser o chefe do grupo, dizia para seu pai:

– Prepare-se para nos acompanhar... (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 39 e 40)

E sobre sua atuação no Partido, o narrador relata:

Depois foi a primeira reunião de célula<sup>33</sup>, foram as tarefas na fábrica: distribuição da “Classe” e de material, agitação no sindicato, trabalho de finanças, as discussões, o estudo. A célula era pequena naquele tempo e o recrutamento fazia-se cercado de medidas de grande segurança; somente os mais provados nas lutas sindicais eram trabalhados para vir ao Partido. Mas aquela pequena célula ilegal dirigia os acontecimentos na fábrica, dali partiam as palavras de ordem reivindicativas, dali nasciam as agitações por aumento de salário, fora que aquela pequena célula o centro diretor da grande greve que reuniu todos os operários da fábrica, no ano de 1934, greve vitoriosa que consolidara o prestígio dos comunistas entre os

trabalhadores. Mariana fizera parte do comitê de greve, eleito em tumultuosa assembléia de sindicato. Desenvolveu intensa atividade naqueles dias difíceis, quando era necessário convencer as operárias – grande percentagem na fábrica têxtil – das possibilidades de vitória, das vantagens que se seguiriam àqueles dias sem salário quando crianças choravam pedindo o que comer. E tão bem trabalhou que, durante os piores dias, após a prisão de alguns companheiros e a despedida, pela direção da fábrica, de todo o comitê de greve e de outros operários, quando vários davam o movimento como derrotado, foram as mulheres as primeiras a votar pela sua continuação, já agora exigindo não apenas o aumento de salário, causa anterior da greve, mas também a liberdade dos presos e a reintegração dos demitidos. Mariana tinha sido logo despedida da fábrica mas se encontrava constantemente com os operários, conversando com um e com outro, animando a todos. Alguns dias depois a direção da fábrica cederá. O aumento de salário foi concedido e os operários demitidos voltaram. Alguns, porém, ainda estavam presos e a direção da fábrica dizia que nada tinha a ver com aquilo,

<sup>33</sup> As reuniões de “célula” ao qual o narrador se refere eram reuniões organizadas pelos militantes do partido em que o grupo envolvido discutia as medidas que tomariam para suas ações organizadas. Segundo a obra, algumas “células” eram compostas por poucos militantes e se organizavam, geralmente, na clandestinidade dentro das fábricas, sindicatos e casas dos companheiros simpatizantes da luta comunista.

era um assunto da polícia política. (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 45 e 46)

A irmã de Mariana acompanhou toda a trajetória do pai e da irmã com incompreensão. Depois, casou-se com um pequeno comerciante, dono de um açougue. Tornou-se esposa e dona-de-casa deixando para trás a vida de operária na fábrica têxtil. Por vezes aconselhou Mariana, a abandonar essa vida que elas conheceram junto ao pai, dizia que o melhor era trabalhar e cuidar de si; comprar boas roupas, cuidar de suas mãe, talvez se casar e tentar ser feliz. E Mariana, para evitar discussões e confrontos foi se afastando da irmã. E sobre o comportamento da irmã de Mariana, o narrador ainda acrescenta: “Depois que casara, a irmã pensava pela cabeça do marido cuja única ambição era ver progredir o seu açougue, era adquirir outros.” (AMADO, 1969, p. 52). Nesse trecho, podemos pensar sobre o desejo em possuir propriedade privada e os privilégios que isso pode proporcionar. Sentimento construído historicamente e culturalmente no modelo capitalista e por vezes combatido pelos ideais comunistas.

A irmã mais moça preocupava-se com cinema, com vestidos – economizando no salário para comprar vistosas fazendas baratas – com romances para moças,

namorava rapazes do bairro, parecia não tomar conhecimento das atividades políticas do pai. (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p.42)

Já após a greve de 1934 na fábrica têxtil, a proprietária, Marieta – Comendadora da Torre – percebendo a atuação de Mariana junto aos trabalhadores, manda um de seus gerentes oferecer-lhe um trabalho de governanta em sua casa. Assim, Mariana, trabalharia próxima dos olhares atentos de Dona Marieta e ficaria longe da atuação política da fábrica.

O gerente terminou de assinar uns papéis, voltou-se para ela, começou a lhe explicar:

– Tenho uma boa notícia para você. Você foi com um grupo de operários à casa da Comendadora, há alguns dias, não foi? Pois bem: a Comendadora gostou de você.

Apontou o retrato da velha – um quadro na parede do fundo, ao lado do retrato do finado Comendador – um retrato antigo de quando ela tinha uns cinquenta anos:

– Ela é assim... Quando uma pessoa lhe agrada, ela quer ajudá-la. Mandou lhe oferecer um lugar de governante em casa dela. É um presente do céu: bom ordenado, cinco vezes o que você ganha aqui, casa, comida, roupa à altura da casa, possibilidade de viajar, enfim, um lugar que eu

desejaria para minha própria mulher... E, com tanta gente que freqüenta a casa dela e você com essa carinha bonita, um dia arranja um bom casamento... Eu lhe dou os meus parabéns... (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 50)

Mariana, veementemente, recusou o convite. O gerente ainda insistiu como pôde, mas ela não aceitou. Pensava no companheiro Orestes:

O velho Orestes conservava dos seus tempos de anarquista um horror pelos serviços domésticos, pelos empregos de criada de quarto, de governante, de mordomo, os quais segundo ele, criavam nos que os exerciam certa mentalidade servil de escravo e de mendigo. (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 50)

Alguns meses depois da greve, Mariana foi presa, quando estava a caminho da fábrica e ficou incomunicável em uma cela por oito dias, mas a polícia não constatou nada sobre ela, apenas que era filha de comunista e que atuou ativamente na greve. Sobre a militância junto ao partido nada sabiam. Quando foi libertada, sua mãe e sua irmã ficaram comovidas, não sabiam o que poderia acontecer à Mariana e vê-la novamente em casa foi um alívio para as duas. Os outros companheiros ligados ao partido se sensibilizaram com a prisão de

Mariana e estiveram presentes durante o tempo que ela estava presa. Ficaram atentos à sua família durante a sua ausência.

Outra alegria foi constatar que os camaradas se haviam preocupado em que nada faltasse à mãe. Todas as manhãs o velho Orestes vinha saber como a mãe estava, se havia o suficiente na pobre prateleira ao lado do fogão. Mariana conhecia bem as dificuldades financeiras do movimento, sabia a dureza da vida dos camaradas, os miúdos sacrifícios quotidianos, emocionou-se quando a mãe lhe estendeu a nota de cem mil-réis:

– O socorro mandou esse dinheiro mas não precisei ... (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 54)

Após a temporada na prisão, Mariana foi demitida do trabalho na fábrica. E o narrador-personagem, nesse trecho, é pontual:

O gerente admirou-se de ver continuar a agitação entre os operários depois de sua partida. Comentou para o proprietário:

– Ela saiu mas deixou aqui os micróbios. Esses comunistas são como os ventos maus que trazem as infecções. Eles se vão mas a peste fica...

– O que a gente precisa é dos integralistas no poder –

respondeu o  
proprietário.

– Eles saberão  
terminar com os  
comunistas. E não vai  
tardar, se Deus quiser.  
(Os Subterrâneos da  
Liberdade, 1969, p. 55)

Por toda a trajetória de Mariana até esse momento, os companheiros do partido escolheram-na para ser a intermediária entre os membros da direção regional de São Paulo do Partido Comunista do Brasil. E, além disso, Mariana era uma mulher, e poucos policiais desconfiariam de uma mulher jovem e de grandes olhos negros. Também não havia muitas mulheres no partido por aqueles tempos, conforme relata o narrador.<sup>34</sup> E em diálogo com o camarada Ruivo, observamos:

– Você terá  
praticamente em suas  
mãos, Mariana toda a  
direção regional do  
Partido. Será a única  
pessoa a saber o  
endereço de certos  
dirigentes, praticamente  
a liberdade de cada um  
deles fica em suas mãos.  
Compreende o que isso  
significa?

(...)

– Significa que  
podem me matar de  
pancada na polícia, se eu  
cair, e não falarei. (Os  
Subterrâneos da  
Liberdade, 1969, p. 56)

Contudo Mariana precisava de um trabalho, precisava continuar levando uma vida aparentemente normal. E logo arrumaram um emprego para ela no consultório de um médico. O médico nada sabia sobre a sua atuação no partido, ele era um simpatizante da causa comunista, mas, nada além disso. No consultório, Mariana cuidava da recepção, atendia os clientes e as ligações telefônicas; era um trabalho tranqüilo.

Em outra passagem da obras o narrador relata os sentimentos e reflexões da personagem Mariana sobre o momento político que ela vivenciava:

Mariana se habituara a considerar essa continua batalha dos comunistas como o cotidiano de certas vidas, mas via a vitória como uma longínqua aspiração, como a meta de um caminho a ser percorrido ainda por gerações e gerações. Esse sentimento a acompanhara, sem que ela mesma se desse conta, nos primeiros tempos de militância. Foi o movimento da Aliança Nacional Libertadora (...) que colocou pela primeira vez diante dela essa sensação de vitória visível no horizonte da luta subterrânea. Mas a derrota da insurreição de 1935, o fechamento da Aliança que a precedeu, e, sobretudo a prisão de Prestes, a haviam novamente jogado

<sup>34</sup> Ver página 55: “Por esse tempo não era muitas as mulheres no Partido e a polícia política muito mais facilmente seguiria a pista de um homem que a de uma jovem de grandes olhos negros.” (AMADO, 1969, p. 55)

naquela sensação de uma luta sem termo, como, se em vez de caminharem, marcassem passo. Mariana sentia, mesmo em companheiros dedicados, nesses dias do ano de 1937, um certo desânimo refletindo-se sobre a atividade partidária, diminuindo-lhe o ritmo, expressando-se em críticas sussurradas sob a posição do Partido em face às candidaturas presidenciais, distantes das duas, mas procurando impulsioná-las para uma frente democrática, de luta contra o fascismo e o integralismo, utilizando a campanha eleitoral dos dois candidatos para levantar a bandeira da anistia a Prestes e aos demais revolucionários de 35. Alguns achavam que o Partido devia ter-se jogado de todo ao lado de um dos candidatos num compromisso eleitoral. Mariana defendia, nessas discussões, a linha do Partido, os companheiros da direção. Mas, antes de vir trabalhar com o ruivo, sentia ir-se apoderando dela, mesmo contra sua vontade, aquele clima de tensão pessimista, aquele cochicar junto às máquinas e nos encontros ilegais, tentando sobre um golpe fascista capaz de assassinar Prestes na prisão e tentando liquidar numa ofensiva

fulminante, a atividade do Partido.<sup>35</sup> (Os Subterrâneos da Liberdade, 1969, p. 58 e 59)

Essa personagem é movida por paixões e desejos de justiça. Em determinados momentos Mariana abre mão de sua própria vida para dedicar-se à luta comunista e pelo partido. Podemos pensar em várias interpretações a respeito dessa personagem e também sobre os anseios do próprio autor ao construí-la.

Outro ponto interessante está na maneira como ela aceita as orientações do partido. As orientações não são impostas, ao contrário, são apresentadas e acatadas de acordo com a vontade de cada um, geralmente, nos diálogos de crítica e autocrítica<sup>36</sup>, e a obra aborda esse procedimento em diversas passagens. Mas também apresenta personagens que não

<sup>35</sup> Prestes não foi assassinado na prisão, na qual permaneceu por nove anos, conforme pressentiam os companheiros de luta comunista e relatado ficcionalmente pelo narrador em *Os Subterrâneos da liberdade*. Esse mesmo sentimento de aflição sobre a possibilidade do assassinato de Prestes na prisão também é verificado em outras obras, tais como: MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>36</sup> Os diálogos de crítica e autocrítica eram conversas coletivas, onde cada sujeito expunha suas opiniões sobre o grupo e sobre suas atitudes diante das escolhas e tarefas realizadas. Nesse diálogo de crítica e autocrítica percebemos uma relação de construção coletiva dentre os militantes e simpatizantes da luta comunista no período que a obra relata. Esses diálogos ocorriam de forma tranqüila ou conflituosa, de acordo com as circunstâncias envolvidas.

acatam as orientações propostas e esses conflitos entre as vontades de alguns personagens e as orientações do partido são descritas pelo narrador.

Amado não faz somente uma veneração ao partido e a luta comunista. Ele também trava reflexões a respeito de várias idéias, questiona algumas atitudes e propõe ações nos diálogos dos personagens. Assim, a obra não apresenta um único olhar, com ela podemos pensar em vários questionamentos que estavam presentes na militância comunistas e talvez na vivência do próprio autor.

Aqui apresentamos brevemente a personagem Mariana, que é relatada pelo narrador com vários sentimentos e com uma história de vida que mistura ideologias e memórias. A obra apresenta outros tantos personagens, descrevendo várias regiões do Brasil e suas trajetórias de vida e luta comunista e também personagens que lutam por outros ideais, com outros olhares sobre o mundo. Até mesmo personagens que defendem a estrutura capitalista de produção de acordo com ideologias bastante concretas. E aí o diálogo ideológico entre as concepções comunistas e capitalistas vão sendo construídas pelo autor na voz de um narrador que é ficcional, mas que expressa experiências de um tempo real.

Observamos nos trechos apresentados acima e também em toda a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* o uso da escrita livre e popular. Em várias entrevistas o autor declara sua preferência por uma linguagem menos rebuscada, que proporcione entendimento a todos os leitores, com o compromisso de transmitir uma mensagem. Com esse pensamento, o autor escreve livremente, sem se prender às normas cultas da língua portuguesa. Frequentemente encontramos erros gramaticais na sua obra, tais como: ortografia, pontuação, conjugação verbal, entre outros. Amado afirmava que sua obra tinha um compromisso político e sua escrita era também uma escolha política. Sobre isso, o autor recebeu várias críticas de diversos intelectuais de seu tempo.

#### **4 – Bibliografia:**

AGUIAR, Josélia. As cartas de uma vida inteira. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 35 -39, ago. 2006.

AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. 3 v.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução cubana e a América**

Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

CARPENTIER, Alejo. **Écue – Yamba – Ó**. Tradução de Mustafa Yazbek. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTELLO, José. Realismo Sensualista. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 27-34, ago. 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40 - 41, ago. 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz, 1 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O Breve Século XX - 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

**Les Langues Modernes**, Paris, mayo-junio, 1965. Disponível em: <[http://www.cubaliteraria.com/autor/alejo\\_carpentier/porcar.htm](http://www.cubaliteraria.com/autor/alejo_carpentier/porcar.htm)>. Acesso em: 03/04/2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Organização e introdução, Marcos Aurélio Nogueira. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARX, K. ; ENGELS, F. **A ideologia Alemã: I – Feuerbach**. Tradução de José Carlos Bruni e Marcos Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **História e Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia, EDUFU, 2006. 11-27.

POMER, Leon. **As independências na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p 56 a 58.

PRESTES, Anita Leocádia. Revolucionária, sem perder a ternura. **Nossa História**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 14-21, Julho de 2004.

PRESTES, Anita Leocádia. Uma epopéia brasileira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 72-77, dez. 2005.

WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**: escritores e atores da história. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.